



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/08/2024 e 05/09/2024

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>30/08/2024</b>	9,82	311,60	43,14	5,32	3,78
<b>02/09/2024</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>03/09/2024</b>	9,97	319,70	42,07	5,52	3,86
<b>04/09/2024</b>	10,06	323,80	41,35	5,65	3,90
<b>05/09/2024</b>	10,08	320,70	42,32	5,61	3,90
<b>Média</b>	<b>9,98</b>	<b>318,95</b>	<b>42,22</b>	<b>5,52</b>	<b>3,86</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	121,00	
RS – Não Me Toque	121,00	
RS – Londrina	124,00	
PR – M.C.Rondon	124,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	130,00	
GO - Rio Verde	124,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	66,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	40,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	49,00	
GO – Jataí	49,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	78,00	
PR – M.C.Rondon	78,00	

Período: 04/09/2024

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 05/09/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,40	121,33	68,87

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
05/09/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	114,92
Feijão (saco 60 Kg)	313,33
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,90
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,62**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,85

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, depois de atingirem o mais baixo valor em mais de quatro anos, batendo em US\$ 9,38/bushel, para o primeiro mês cotado, no dia 16/08, passaram a se recuperar. E nesta primeira semana de setembro o processo continuou, com o bushel da oleaginosa fechando a quinta-feira (05) em US\$ 10,08, contra US\$ 9,73 uma semana antes. A média de agosto ficou em US\$ 9,84/bushel, recuando 11,8% sobre a de julho. Um ano antes, em agosto de 2023, a média havia sido de US\$ 13,88. Em 12 meses, portanto, a média recuou um pouco mais de quatro dólares.

Por sua vez, as lavouras de soja, nos EUA, no dia 1º de setembro, se apresentavam com 65% entre boas a excelentes, contra 53% no mesmo momento do ano anterior. Outros 25% estavam regulares e 10% em condições entre ruins a muito ruins.

Pelo lado da demanda, informações dão conta de que a China teria comprado 23 navios de soja nesta semana, sendo 12 dos EUA. Isso ajudou a fortalecer os preços em Chicago. Porém, este movimento chinês elevou os prêmios nos portos dos EUA, ajudando a também melhorar os preços internos no Brasil, pois a China deslocou parte de seu interesse importador para nosso país. Ao mesmo tempo, a iminência de uma redução dos juros nos EUA, a ser anunciada entre os dias 17 e 18 de setembro, leva os Fundos a se desfazerem, parcialmente, de títulos do Tesouro estadunidense e aumentarem compras de commodities, dentre elas os contratos de soja em Chicago. Isso ajuda a forçar para cima as cotações naquela Bolsa.

Assim, os preços internos brasileiros melhoraram mais um pouco nesta semana. A média gaúcha foi a R\$ 121,33/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 118,00 e R\$ 130,00/saco.

Dito isso, a área a ser semeada no Brasil, com a nova safra de soja, deverá atingir a 46,4 milhões de hectares, devendo crescer entre 0,9% e 1,66% na comparação com o ano anterior, sendo este o menor aumento em 18 anos. (cf. AgRural e Pátria AgroNegócios) Os preços baixos e a realidade climática nacional inibem uma maior semeadura. Mesmo assim, a área será recorde. Com isso, a produção final brasileira, se o clima ajudar, poderá atingir entre 166 e 170 milhões de toneladas. Ou seja, um aumento entre 15% e 20% sobre a parcialmente frustrada safra anterior. Apenas no Centro-Oeste a produção final poderá atingir a quase 80 milhões de toneladas, sendo 46,4 milhões no Mato Grosso. Já o Norte/Nordeste somaria 16,7 milhões de toneladas, com a Bahia atingindo a 7,8 milhões, Piauí 4,1 milhões e o Pará 3,5 milhões de toneladas. (cf. PátriaAgroNegócios)

Entretanto, o início do plantio vem enfrentando problemas de seca e queimadas generalizadas país afora. Isso poderá complicar a produtividade futura se a situação não for revertida logo. Aliás, previsões da meteorologia dão conta de que o regime de chuvas, no Brasil, só vai regularizar a partir de meados de outubro. Esse atraso no plantio da soja poderá atingir a semeadura da safrinha de milho do próximo ano.

Já as projeções de exportação de soja, por parte do Brasil, são mantidas em 102 milhões de toneladas em 2025, contra 93,5 milhões em 2024 e 101,9 milhões em 2023. (cf. StoneX) Por outro lado, a consultoria Céleres coloca exportações de 107 milhões em um cenário base.

Enquanto isso, recente estudo realizado pela consultoria Céleres projeta, em um cenário de base, margem operacional de R\$ 1.349,00/hectare (21% sobre a receita bruta na média nacional) em 2024/25, considerando principalmente uma possível recuperação na produtividade. Lembrando que ainda será preciso descontar os custos fixos existentes nas propriedades.

Pelo sim ou pelo não, mesmo considerando um cenário pessimista de produção, os estoques finais em 2025 deverão ser maiores do que o estimado para o final de 2024. (cf. Céleres)

E no Mato Grosso, segundo o Imea, a safra 2024/25 tende a ser menor do que alguns analistas estão indicando, podendo ficar em 44 milhões de toneladas. O vazio sanitário naquele estado, para a soja, se encerra neste sábado 07/09. Apesar disso tudo, a produtividade esperada ainda seria 12,8% superior a do ano passado, com aumento de 1,5% na área semeada, com a mesma atingindo a 12,7 milhões de hectares.

## MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, melhorou novamente nesta primeira semana de setembro, com o fechamento da quinta-feira (05) ficando em US\$ 3,90/bushel, contra US\$ 3,71 uma semana antes. A média de agosto fechou em US\$ 3,76, ficando 5,5% abaixo da média de julho. Lembrando que em agosto de 2023 a média atingiu a US\$ 4,75/bushel. Ou seja, em 12 meses a média recuou um dólar por bushel.

Por sua vez, o milho dos EUA, no dia 1º de setembro, se apresentava com 65% em condições entre boas a excelentes, outros 23% em condições regulares e 12% entre ruins a muito ruins.

Já na Índia, uma decisão governamental mexeu com o mercado do milho na medida em que o país asiático decidiu produzir mais etanol à base de milho, fato que transforma o maior exportador de milho da Ásia em um país importador líquido pela primeira vez em décadas. “O aumento na demanda de importação ocorre depois que a Índia aumentou, em janeiro, o preço de aquisição do etanol feito de milho para promover uma mudança no uso do etanol de cana-de-açúcar para misturar à gasolina. Com isso, os consumidores de ração naquele país, diante dos altos preços do milho a partir da decisão em favor do etanol, pressionam o governo para que retire os impostos sobre as importações e também retire sua proibição sobre o milho geneticamente modificado. A Índia, normalmente, exporta de 2 a 4 milhões de toneladas de milho, mas em 2024, as exportações devem cair para 450.000 toneladas, enquanto o país deve importar um recorde de 1 milhão de toneladas, principalmente de Mianmar e da Ucrânia, que cultivam milho não transgênico. Tradicionalmente, as indústrias avícola e de amido absorviam a maior parte da produção de milho da Índia, de cerca de 36 milhões de toneladas. No ano passado, no entanto, as destilarias de etanol começaram a usar o cereal, e sua demanda cresceu neste ano depois que o governo abruptamente restringiu o uso de cana-de-açúcar como combustível após uma seca. Isso levou a um déficit de 5 milhões de toneladas de milho. Com isso, os mercados como Vietnã, Bangladesh, Nepal e Malásia, que compravam milho da Índia devido à sua rápida disponibilidade, agora são obrigados a buscar o produto da América do Sul e dos

Estados Unidos. Visando reduzir as emissões de carbono, a Índia pretende aumentar a participação de etanol na gasolina de 13% para 20% até 2025/26. Para atingir esta meta, a Índia precisará de mais de 10 bilhões de litros de etanol, segundo estimativas do governo, o que é o dobro do volume produzido pelo país no ano de comercialização encerrado em outubro de 2023. Já neste corrente ano cerca de 3,5 milhões de toneladas de milho foram usadas para produzir 1,35 bilhão de litros de etanol, cerca de quatro vezes mais do que no ano anterior, mostram dados do governo indiano. (cf. Reuters)

E no Brasil, os preços se estabilizaram novamente, porém, o viés de alta continua, mesmo que lento. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 58,40/saco, enquanto as principais praças permaneceram com R\$ 55,00. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 40,00 e R\$ 59,00/saco. No porto de Santos (SP), o valor CIF já chega a R\$ 66,00/saco neste início de setembro.

A melhoria nos preços vem, dentre outras coisas, do fato de que parte dos produtores se mostram retraídos em vender sua produção, pois o produto está se valorizando nos portos junto ao produto de exportação. Assim, muitos produtores elevam as cotações pedidas em novos negócios, enquanto outros comercializam apenas lotes para exportação. Do lado da demanda, parte dos consumidores já indica ter dificuldades em novas aquisições. Mas, embora uma safra final menor em 2023/24, o estoque interno do cereal ainda é considerado elevado. (cf. Cepea/Esalq)

Dito isso, a consultoria Céleres espera, para a safra de verão do cereal, uma redução de 2,5% na área semeada, com a mesma atingindo 4,3 milhões de hectares. Mesmo assim, em clima normal, a produção poderá atingir a 27,1 milhões de toneladas, com aumento de 4% sobre a safra anterior. Em tal contexto, e considerando as três colheitas de milho realizadas anualmente pelo Brasil, o total produzido poderá chegar a 134,1 milhões de toneladas no próximo ano comercial, com aumento de 5 milhões sobre o ano anterior.

O plantio da safra de verão já teria chegado a 8% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, contra 13% na mesma época do ano anterior. (cf. AgRural)

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo, em Chicago, igualmente subiram nesta primeira semana de setembro. O fechamento da quinta-feira (05) ficou em US\$ 5,61/bushel, contra US\$ 5,25 uma semana antes. Lembrando que durante agosto o primeiro mês cotado bateu nas mínimas em quatro anos, ao atingir US\$ 4,98. Já a média de agosto fechou em US\$ 5,27/bushel, representando uma queda de 2,9% sobre a média de julho. Um ano antes, em agosto de 2023, a média do cereal foi de US\$ 6,13/bushel. Ou seja, em um ano, a média do bushel de trigo recuou um pouco menos de um dólar.

Dito isso, o trigo de primavera, nos EUA, no dia 1º de setembro, estava com 70% da área colhida, ficando exatamente na média dos últimos anos.

E na Austrália, a produção final de trigo deve atingir mais de 31 milhões de toneladas na próxima safra, cerca de dois milhões de toneladas a mais do que o previsto anteriormente e significativamente mais do que em 2023/24, depois que as chuvas nas

principais regiões de cultivo aumentaram a produtividade. A Austrália é o terceiro maior exportador de trigo do mundo e a produção importante tende a pressionar os preços mundiais ainda mais, em um momento em que já estão sendo negociados perto de seu nível mais baixo em quatro anos. (cf. Reuters)

Enquanto isso, no Brasil, a colheita já ganha fôlego, começando pelo Paraná. Como se esperava, após as fortes geadas de julho e agosto, a produtividade e a qualidade têm ficado aquém do esperado por produtores. Mesmo com a iminência de uma quebra razoável na produção paranaense, sem falar na redução da qualidade do produto, os moinhos mostram baixo interesse em novas compras neste momento. Os produtores, por enquanto, negociam trigo com menor qualidade, o que significa produto com preço mais baixo. Este trigo poderá, logo mais, pressionar o milho, pois tende a ser usado na fabricação de rações. Já no Rio Grande do Sul, o mês de setembro iniciou com 76% das lavouras de trigo em desenvolvimento vegetativo, 20% em floração e 4% apenas em enchimento de grãos. (cf. Cepea/Esalq)

Assim, o Paraná deverá ter uma safra menor de trigo este ano. Segundo o Deral, a redução deve ser de 14%, se comparada à safra anterior. Com isso, a produção final ficaria em 3,08 milhões de toneladas neste ano. No início da presente semana, a colheita de trigo naquele estado atingia a 11% da área, com 28% das lavouras a colher em situação ruim, outros 36% em condições médias e mais 36% em boas condições.

Enfim, segundo a Conab, a estimativa de colheita de trigo no Brasil, em 2024, é de um total de 8,8 milhões de toneladas, contra 8,1 milhões no ano anterior. Isso se o Rio Grande do Sul confirmar uma colheita de 4,2 milhões de toneladas, o que seria 44,8% acima do colhido na frustrada safra passada.